

“Das ruas às redes, das redes às ruas”: uma etnografia sobre mobilizações online pelo “direito à cidade”

Mateus Oliveira dos Santos

Resumo

Tomando por objeto de estudo as iniciativas de ativistas em torno do Parque Augusta, em São Paulo, a pesquisa tem por objetivo contribuir para a compreensão de como estes movimentos, abrigados sob a pauta abrangente do “direito à cidade”, têm se articulado a partir do uso de novas tecnologias de informação e comunicação, particularmente redes sociais, acompanhando tanto sua atuação *online* quanto *offline*.

Palavras-chave:

Movimentos sociais, internet, cidade e espaço

Introdução

A presente pesquisa tem por objetivo contribuir para a compreensão de como movimentos sociais abrigados sob a pauta abrangente do “direito à cidade” têm se articulado a partir do uso de novas tecnologias de informação e comunicação, particularmente redes sociais. A pesquisa toma como foco iniciativas em torno do Parque Augusta, em São Paulo, que reivindicam que o terreno de interesse de incorporadoras do mercado imobiliário seja transformado em espaço público, com a intervenção de atores vinculados ao poder público. Ao usarem taticamente as ferramentas virtuais, estes movimentos criam espaços novos na esfera do *online*, articulando-os com suas práticas presenciais, demandando uma pesquisa tanto *on* quanto *offline*.

Resultados e Discussão

A pesquisa se iniciou com um levantamento dos atores que, por parte dos movimentos sociais ou da sociedade civil, destacavam-se na disputa em torno do Parque Augusta. Ao efetuar tal levantamento, observou-se que a emergência ou ausência de atores variava situacional e temporalmente. Estas variações tendiam a alterar também as narrativas que os movimentos produziam. Destas narrativas destacou-se uma que articulou um maior número de atores de vários lados da disputa pelo Parque e que produziu uma maior mobilização em redor das atividades *online* e *offline*. Esta narrativa trata da ocupação do terreno pelos ativistas no início de 2015 e a reintegração de posse realizada pela polícia militar em março do mesmo ano.

A partir deste recorte temporal, deu-se início a uma *etnografia online* focada em dois atores que se destacaram, o movimento “Aliados do Parque Augusta” e o “Organismo Parque Augusta” (OPA), reconstituindo as narrativas formuladas pelos movimentos e efetuando um levantamento das categorias que surgiam.

No caso do OPA, e valendo-se das indicações metodológicas de Miller & Slatter (2004)¹, fez-se necessário duas incursões a campo para acompanhar as reuniões presenciais do OPA (das quais se produziu um diário de campo) e negociar o acesso a espaços de discussão *online* internos ao movimento que se encontravam “fechados” e se mostraram necessários não só para compreender os processos de produção de narrativas, mas também para fins comparativos quanto

aos diferentes modelos de organização e atuação entre os movimentos. A partir das narrativas reconstituídas evidenciaram-se conflitos enfrentados pelos ativistas, que se valiam de *táticas* frente às *estratégias* (CETREAU, 1994)² dos atores vinculados ao mercado, produzindo sentidos de *lugar* para o terreno onde o parque é reivindicado e permitindo que os movimentos delineassem suas noções de *direito à cidade* e *espaço público* (MASSEY, 2013)³, valendo-se de *contra-usos* (LEITE, 2004)⁴ dos espaços para produção das narrativas necessárias para mediar as distintas correlações de força existentes entre os atores que compõem tais conflitos.

Conclusão

Observou-se a existência de diferentes ordens de conflito entre os agentes do mercado imobiliário, poder público, ativistas e moradores, bem como conflitos internos a estes próprios atores. Ainda, que o surgimento de categorias articuladas pelos ativistas se mostrou contextual, a depender da ordem do conflito.

Constatou-se que o espaço *online* possui ambientes restritos e que seu acesso muitas vezes perpassa por mediações e negociações *offline*, evidenciando que, a depender da necessidade do pesquisador, uma *etnografia offline* se torna imprescindível para a compreensão do *online*.

Foi possível considerar, também, que o espaço das redes sociais amplia o debate público sobre os espaços urbanos e possibilita a compreensão não apenas das *táticas* ativistas frente às *estratégias* de outros atores, mas também do modo como o *online* tem sido um espaço fundamental para o debate e para a atuação política.

Agradecimentos

Agradeço à Isadora Lins França, orientadora deste projeto, pela atenção e direcionamento essenciais em seu desenvolvimento. Agradeço também ao PIBIC/CNPq pelo financiamento desta pesquisa.

¹ MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 10, n. 21, p. 41-65, Jun 2004.

² CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

³ MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Bertrand, Rio de Janeiro, 2013.

⁴ LEITE, Rogerio Proença. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas: Unicamp, 2004.